

O elogio da curiosidade

Há cerca de quarenta anos, um historiador do Sul da Índia ofereceu-me um objecto, para mim estranho, em forma de cornucópia. Nesse objecto, num freir de tecidos coloridos que constituem tiras zigzaguiantes sucessivas, estão colocados, em posições centralizadas, dois pequenos espelhos, de tamanhos distintos. Perante a minha perplexidade, ilustrou-me: “para cada espelho, em cada pequena parte da realidade que aí vires espelhada, é uma parte de deus que aí encontrarás”.

Há também cerca de quarenta anos que Cristina Ataíde, escultora de formação, viajante curiosa e relacionadora impenitente, nos vem demonstrando isso mesmo. Na sua obra, ela explora um modo muito particular de abertura ao mundo, reflectindo, se não essa capacidade de encontrar deus nos pormenores, pelo menos um elemento de doçura (tanto no sentido benigno como no trágico que a palavra pode também conter) face à capacidade criadora e renovadora, da vida e da morte.

O seu olhar atento e inquiridor, a sua atenção ao outro, à sua natureza, à sua acção, estende-se da matéria corpórea do mundo — pedras, árvores, rios — à mais volúvel — vento, chuva, neve, poeiras —, tudo recolhendo e observando e dando a ver, por em tudo ela ter a capacidade de reconhecimento de uma tensão: a que cria a vida e o seu inexorável caminho para a morte, e o modo como, na unicidade que a cada parte é dada, essa singularidade contribuir para a beleza frágil do conjunto. Como viajante, Cristina Ataíde sabe (como já o escreveu o pensador e caminhante norueguês Erling Kagga) que cada expedição começa com um passo. Semelhante consciência do valor que cada elemento dá ao conjunto é também a que, em algumas correntes filosóficas orientais, como a que menciono no início deste texto, se confere à parte em relação ao todo.

Não hierarquizando objectos nem acções, Ataíde age, reage, recolhe, baralha e dá a ver, trazendo até cada um de nós o mundo por que ela vai passando e com o qual vai dialogando, em aturada observação e escuta — a mesma que depois estabelece com o espaço em que expõe. Essa apetência e capacidade (que reconhecemos particularmente frequente nos escultores) potencia as suas narrativas e percursos expositivos, o seu gosto por nos fazer mudar de lugar, alterando-nos a perspectiva, envolvendo-nos não apenas o olhar, mas o corpo todo.

O elogio da curiosidade é algo de dinâmico e concreto na obra de Cristina Ataíde, cujas perguntas — como a que dá título à presente exposição — nos envolvem e responsabilizam também, enquanto nos surpreendem, perturbam, acolhem. É esse o turbilhão de tensões que vamos descobrindo na exposição “¿A Terra ainda é redonda?”, pensada para a Sala dos Fornos do Museu Nacional de Arte Contemporânea, e em que coordenadas várias como alto e baixo, dentro e fora, ver e sentir, envolver e ser envolvido, fazer e recolher, nos são propostas como dados para uma análise não apenas do que vemos, mas de como vemos, e de como somos capazes de ir construindo, em assumido processo, um novo conhecimento do que nos rodeia.

Desenhos, esculturas, vídeo, objectos encontrados, tudo se mistura e, sobretudo, se relaciona para que nos relacionemos com eles (e com o acto da descoberta) de um modo activo, intelectual e sensorialmente. Ou seja: num amplo plano estético.

As exposições assim pensadas e criadas são trabalhos em conjunto, dimensões de desafio para a escultora e para todos os que com ela colaboram, erigindo em conjunto estes cenários emotivos que as exposições devem também oferecer.

Pela originalidade da sua obra, e representatividade no panorama artístico nacional e internacional, esta exposição de Cristina Ataíde, artista com ampla carreira internacional e que integra desde há alguns anos a colecção do MNAC, é um modo de ampliar também o conhecimento e o pensamento sobre a sua criação artística, integrando-a num contexto mais vasto e não apenas nacional. Disso dá excelente conta o belo ensaio de David Barro, curador desta exposição, especialista em arte contemporânea, cujo conhecimento da arte portuguesa e internacional dispensa apresentações.

A todos os envolvidos, da equipa do museu às equipas externas, com particular nota para Cristina Ataíde e David Barro e Beatriz Horta Correia, designer responsável pela imagem da exposição e pelo catálogo que agora o leitor tem nas mãos, o meu agradecimento. Aos visitantes da exposição e aos leitores deste catálogo desejo que, do encontro com estas obras, nasçam muitas e boas perguntas mais.

Emília Ferreira

Directora do Museu Nacional de Arte Contemporânea